

7.08.99 – Educação

ESPAÇO CIGARRA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS DO COTIDIANO BRINCANTE NO CMEI FÚLVIA ROSEMBERG EM MACEIÓ-AL

Edjane da Silva Feitosa¹
Rozana Machado Bandeira de Melo²

1 - Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas, Pós Graduada na UNOPAR

2 - Pedagoga. Mestra em Educação Brasileira-UFAL Especialista em Psicologia Educacional-PUC/MG; Psicopedagogia e Mídias na Educação-UFAL. Doutoranda em Estudos da Criança-Universidade do Minho-Portugal

Resumo:

O texto apresentado a seguir faz parte das experiências vivenciadas com um grupo de crianças do Berçário II do CMEI Fúlvia Rosemberg em Maceió-AL. Partiu da investigação sobre as cigarras no início do acolhimento com o grupo de crianças em 2017. Como educadora das crianças, fiz o relato da prática, dando início ao que Melo (2016, p.3), aponta como “construção das projeções, tendo como foco o olhar atento do adulto para os processos cognitivos das crianças”.

A experiência da projeção Cigarra surgiu no espaço externo do CMEI, um local com muito verde, onde as crianças brincam ao ar livre. O contato com a natureza desperta nos bebês e nas crianças a curiosidade para novas descobertas que acontecem espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com todas as variedades de sons que observam. No decorrer deste texto, serão apresentados os relatos das crianças, das experiências vividas com os bichos de jardim: cigarras, borboletas, libélulas, formigas, entre outros, e suas descobertas no cotidiano do CMEI.

Palavras-chave: Investigação; bichos de jardim; projeções.

Introdução:

O texto traz o relato das experiências desenvolvidas com o grupo de crianças do Berçário II (1 ano e 6 meses a 2 anos) do CMEI Fúlvia Rosemberg em Maceió-AL. A escolha da experiência surgiu através dos sons das cigarras, pelo encantamento das crianças em perceber e observar os insetos. O local da descoberta foi o espaço externo do CMEI. As descobertas das crianças sobre as observações das cigarras potencializaram e inspiraram nas construções das suas hipóteses.

Faz parte da formação interna do CMEI Fúlvia a documentação pedagógica com foco no olhar atento do adulto para o cotidiano das crianças, representando o compromisso do educador. Ao contemplar a singularidade das crianças, tanto os adultos quanto as crianças tornam-se protagonistas e autores das próprias histórias vividas em um grupo particular.

Metodologia:

Este relato apresentará as experiências das crianças durante as projeções ao ar livre. Especificamente sobre a cigarra e os demais bichos do jardim. A experiência surgiu do interesse das crianças em conhecerem e tocarem nos bichos de jardim. Na primeira etapa, fomos passear na área externa do CMEI e, aos poucos, vimos o interesse e a observação atenta das crianças ao encontrarem algumas cigarras. O referido passeio ocorreu nas

primeiras semanas; ao brincar no espaço externo dos balanços, as crianças ouviram o cantar das cigarras e descobriram os exoesqueletos soltos que as cigarras deixaram na troca de “peles”. Como gancho, a fábula da cigarra e da formiga foi explorada com as crianças.

Na segunda etapa, a gestora pedagógica fez uma pesquisa sobre as cigarras e levou as informações para exploração das crianças. Com a pesquisa em mãos, fizemos a leitura do texto na roda de conversa com as crianças. Na terceira etapa, as crianças escolheram o nome do espaço de referência: “CIGARRA”. Na quarta etapa, juntamos os materiais encontrados na área externa do CMEI, dentre os quais, sementes, folhas e gravetos. Aos poucos, catalogamos outros materiais e suportes e inserimos algumas parlendas sobre os insetos encontrados. A cigarra encanta a todos na fábula “A cigarra e a formiga” (NAIDOO, 2011). Espaço Cigarra traduz as vivências do grupo do berçário. Assim como as cigarras, as crianças têm a despreocupação de serem elas mesmas, contagiando a todos com suas perguntas, cantigas infantis e encantamento natural de serem crianças.

Em um desses passeios, as crianças iniciaram uma série de perguntas, com suas respectivas respostas:

- “Qué isso?”
- É uma cigarra que deixou sua “pele” velha aqui e saiu voando com uma pele nova.
- “Ela morde?”
- Não.
- “É um monstro?”
- Não, meu amor, é um bichinho da natureza.
- “Onde ele mora?”
- Vive na natureza, voando de árvore em árvore, cantando sua linda música.
- “Tá vivo?”
- Aqui é só a “pele velha”. Está ouvindo essa música? É a cigarra cantando.
- “Tá morto?”
- Aqui é só a “pele” dela, ela vive por aí voando e cantando.

Assim, na realização da experiência das cigarras com as crianças do berçário, proporcionamos um momento de participação ativa das crianças e contato direto com a natureza, orientando e intervindo quando necessário, para que pudessem ampliar suas capacidades de apropriação dos conceitos, por meio da comunicação de ideias, da pesquisa, da observação, da reflexão, da construção dos bichos de sucata nos momentos e criação artística.

Resultados e Discussão:

O desenvolvimento das experiências com as crianças do Berçário II possibilitou condições para apropriação interna do grupo, no sentido de explorar formas de agir, de sentir, expressar-se em função do meio que interagem. Ao brincar com os elementos encontrados na natureza, as crianças desenvolvem sua afetividade, motricidade, imaginação, raciocínio e linguagem, formando um autoconceito positivo em relação a si mesma.

Na relação com as demais crianças, o grupo se apropriou de uma nova forma de olhar os bichos de jardim, construiu um olhar atento no espaço, como um laboratório ao ar livre, pois puderam informar-se mais e melhor fora das paredes de concreto através da capacidade de observação.

A documentação do cotidiano das crianças registra os diálogos, guarda as projeções, grava as experiências das produções. Este relato texto foi construído como uma trama de fios. Toda essa documentação é analisada periodicamente e serve de base para as experiências seguintes dentro do processo de formação dos educadores no CMEI. Passamos muitas horas com as crianças, e isso nos possibilitou expressar algumas considerações.

De acordo com Hulot (2006), que reúne um grupo diferenciado de colaboradores, dentre eles, engenheiros, filósofos, ativistas, além de professores e pesquisadores, editado pela UNESCO, observamos o enfoque sobre a necessidade de rever o espaço que é dado nos currículos. Neste contexto, refletimos sobre o lugar do espaço externo como um grande

aliado nas experiências do CMEI, como foco no que Melo (2015) enfatiza que “é brincando que se aprende”. Para tanto, o olhar sobre as experiências que são construídas pelas crianças, almejam partilhar um novo jeito de viver. Como enfatiza Hulot (2006), quando trata do tema “Um pacto ecológico”, mostra a forma de rever o nosso estilo de vida e aquilo que ensinamos às crianças, o que nos conecta com a pedagogia orgânica de Melo (2015), praticada no CMEI.

Após as experiências ao ar livre, sempre havia o momento da roda, da música, no qual as crianças contavam as histórias dos seus percursos brincantes com as cigarras. No diálogo com as crianças, surgiam as hipóteses nas rodas de conversas e após as provocações sobre o que víamos e sentíamos durante as excursões feitas nas áreas do CMEI.

Portanto, tivemos resultados positivos durante toda a experiência. Elaboramos diversas projeções, com materiais recicláveis. E como conclusão, expomos as produções das crianças em uma Mostra de Arte que foi organizada na praça do CMEI.

Conclusões:

Como resultado final deste relato de experiência, procurou-se enfatizar a importância do contato direto com a natureza e seus elementos; exploraram-se, no cotidiano das projeções, elementos brincantes da singularidade infantil. A investigação trouxe, para as crianças, um prazer significativo e experiências riquíssimas em descobrir conhecer e interagir com o ambiente de convívio cotidiano do grupo.

Durante essa projeção, na experiência vivida, as crianças puderam ter contato maior com a natureza e contato direto com os bichos do jardim. Interagiram com o meio em que vivem, vendo alguns bichos e ouvindo os sons das cigarras, em consonância ao que Melo (2015) aponta sobre os materiais presentes na natureza darem vazão à brincadeira, à ludicidade e à cultura de pares. Nesse contexto, a natureza se insere em uma proposta intuitiva e orgânica.

Portanto, uma investigação nunca vai ser uma experiência fechada. Ao contrário, sempre será um leque de possibilidades. É preciso mudar. É preciso respeitar o olhar brincante, respeitar a inteligência e a criatividade das crianças. Eles precisam ser encorajados a serem os especialistas em suas próprias ideias. Em suma, precisam ter oportunidade e assumir suas condições de autores e protagonistas do processo brincante na educação infantil. Para que isso ocorra de forma eficaz, o educador precisa mudar a forma de mediar. Deixar brincar de descobrir coisas!

Referências bibliográficas:

HULOT, N. **Pour un pacte écologique**. Paris: Calmann-Levy, 2006.

NAIDOO, B. **Fábulas de Esopo**. São Paulo: Edições SM, 2011.

MELO, R. M. B. de. **É Brincando que se Aprende**: a experiência da Te-Arte na educação infantil. Curitiba: Appris, 2015.

_____. **Caderno de Formação Continuada**: documentação pedagógica. 2016. No prelo.